

O historiador  
Caio Prado Jr.



**LEANDRO  
KONDER** é professor  
da Pontifícia  
Universidade Católica  
do Rio de Janeiro.

**Caio Prado Jr.:**

**nadador  
e aviador**

**N**

um ensaio famoso que escreveu em 1939, Norbert Elias (1897-1990) falou sobre os grandes desafios que se apresentam, inevitavelmente, a quem se aventura a trilhar o caminho da construção do conhecimento. Um mesmo objeto exige, para que não se sacrifique sua riqueza de significações, que o pesquisador o examine em níveis diversos e de vários ângulos.

O lúcido sociólogo alemão recorreu a uma imagem bastante sugestiva para ilustrar seu pensamento. Observou que o mar, por exemplo, era um vasto e complexo objeto de conhecimento. Percebido do ângulo do nadador, ele pode revelar algumas das suas características mais interessantes: o nadador sente a água na pele, percebe as variações de temperatura, verifica a transparência do líquido, sente as ondas com seus movimentos, pode enxergar os peixes e as plantas, etc. O aviador, ao vê-lo do alto, da cabine do seu avião, tem a possibilidade de avaliar uma área bem mais extensa, enxerga melhor as grandes correntes, as ilhas, os bancos de areia, o contorno das praias, os limites impostos pela terra firme.

Em ambas as percepções existem importantes elementos de verdade. Em ambas se encontram, igualmente, insuficiências e distorções. “As duas observações” – escrevia o ensaísta –, “longe de se contradizerem, resultam, quando adequadamente vinculadas, num quadro mais revelador e mais apropriado”. “Ambas – a visão aérea e a do nadador – mostram o quadro com certa simplificação. Ambas nos inclinam a depositar uma ênfase unilateral. Somente em conjunto elas proporcionam um panorama mais equilibrado” (Elias, pp. 46-7).

A leitura (ou releitura) de dois livros de Caio Prado Jr. – *Evolução Política do Brasil e Formação do Brasil Contemporâneo* – pode se beneficiar da recordação dessa imagem de Norbert Elias. De certo modo, o mar, no caso do historiador paulista, é a história da sociedade brasileira. No primeiro livro – caracterizado pelo autor como um “ensaio”, uma “síntese” – pode-se crer que predominou, na observação, o ponto de vista do aviador. No segundo livro, pode-se achar

que as observações aéreas foram mais efetivamente aproveitadas pelo nadador para se orientar em seus deslocamentos e em seus mergulhos. E pode-se também acreditar que o aviador se mostrava mais atento para as revelações que lhe fazia o nadador. No entanto, o que afinal se constata com maior nitidez é que nos dois trabalhos se verificou uma intensa colaboração entre o nadador e o aviador.

O grande desafio com que se defrontam os historiadores no aprofundamento de seu trabalho é exatamente esse que Caio Prado Jr. enfrentou: a combinação da observação empírica dos fatos com a avaliação teórica do movimento global em que os fatos se tornam mais significativos. Aproveitar o conhecimento que só a proximidade, a intimidade e o contato direto podem proporcionar, adequando-o ao conhecimento que só a distância e uma certa visão de conjunto permitem que seja elaborado.

Antes de Caio Prado Jr., os poucos historiadores que se apoiavam em concepções teóricas articuladas para a observação direta dos movimentos da sociedade brasileira serviam-se de esquemas interpretativos enrijecidos e simplificados, que os levavam a “enquadrar” a riqueza do material colhido no plano da empiria, impondo doutrinariamente uma “camisa-de-força” ao sentido dos acontecimentos. E os muitos historiadores que colecionavam fatos e dados, utilizados num relato desprovido de critérios convincentes, fixavam o olhar nas árvores e se mostravam incapazes de enxergar a floresta (conforme a terminologia hegeliana).

Neles, de certo modo, o nadador se afogava na multiplicidade incontrolável das ondas e o aviador se via de repente voando sem bússola, sem combustível e sem campo de aterrissagem.

Caio Prado Jr. inaugurou uma nova etapa, modificou esse quadro. Apesar dos aspectos que nele hoje reconhecemos como discutíveis, seu marxismo lhe permitiu articular de maneira consistente e convincente a riqueza dos pormenores expressivos que encontrava em sua infatigável natação com os dados constantes dos mapas elaborados

Na outra página, acima, inauguração da editora Brasiliense em abril de 1944; abaixo, Caio Prado lavando seu fusca, em novembro de 1951



ao longo de suas viagens aéreas. O reconhecimento da centralidade das contradições sociais criadas em torno do modo de produção e a percepção aguda da luta de classes lhe permitiam jamais perder de vista o campo de aterrissagem onde o avião da teoria deveria pousar, isto é, seu ponto de incidência na ação prática. E lhe punham nas mãos, além disso, os instrumentos teóricos que o ajudavam a evitar que o nadador cedesse à tentação de se perder na contemplação da infinita variedade dos peixes e dos fatos.

Na observação do movimento histórico pelo qual a sociedade se transformava, por exemplo, o aviador orientou o nadador a concentrar sua atenção nos mecanismos que punham a nossa economia numa situação de dependência direta de movimentos comandados por forças instaladas no exterior. A colonização era um processo realizado por agentes que deviam obediência a uma autoridade sediada na metrópole, do

outro lado do Atlântico. O nadador, consciente dessa característica, pôde recolher subsídios que elucidavam, no essencial, *como* se realizou a formação da sociedade brasileira.

Nas palavras de Caio Prado Jr.: “Se vamos à essência da nossa formação, veremos que na realidade nos constituímos para fornecer açúcar, tabaco, alguns outros gêneros; mais tarde ouro e diamantes; depois algodão, e em seguida café, para o comércio europeu” (*FBC*, 1963, pp. 25-6).

Advertido pelo aviador, o nadador evitou o risco de uma avaliação na qual poderia cometer o erro de subestimar as consequências dessa dependência inexorável e atribuir um peso excessivo à dinâmica de alguns acontecimentos e personagens da história política interna. O aviador ajudava-o a mover-se no mar da nossa história sem perder de vista o *conjunto* do seu movimento, “desbastando-o do cipoal de incidentes secundários que o acompanham sempre e o fazem muitas vezes confuso e incompreensível” (*FBC*, p. 13).

Antes do ensaio pioneiro de Caio Prado Jr. sobre a *Evolução Política do Brasil*, em 1933, proliferavam as abordagens da nossa história nas quais os “incidentes secundários” eram minuciosamente analisados, e importantes aspectos das mudanças mais relevantes eram deixados de lado. Paralelamente a essa atenção desmesurada concedida a eventos de limitada relevância, notava-se, também, um interesse exasperado e pouco fecundo por algumas personalidades que, por aparecerem em posições hierarquicamente destacadas, se supunha terem desempenhado um papel decisivo no encaminhamento de notáveis transformações históricas.

Entre as personalidades que despertavam maior interesse entre os historiadores estavam Pedro I e Pedro II. O nadador, ao passar por eles, é prevenido pelo aviador de que não vale a pena deter-se longamente na análise dos dois imperadores.

O processo pelo qual foi efetivada a ruptura política com o controle português e realizada a independência não contou e nem poderia contar com verdadeira parti-

Caio Prado com seu filho Roberto (São Paulo, 1946)



cipação popular: assumiu o caráter de “arranjo político”, decorreu de “manobras de bastidores” e de certo modo *serviu-se* do filho de Dom João VI. Por isso, o papel representado por Dom Pedro I é, segundo Caio Prado Jr., “todo ocasional” (*EPB*, 1963, p. 50).

Dom Pedro II esteve à frente do Estado brasileiro durante um período bem mais longo do que o primeiro imperador, seu pai. O nadador, portanto, é levado a se deter um pouco mais na observação de sua ação. Não tarda, porém, a concluir que o monarca era um “espírito medíocre” e nunca foi “capaz de uma visão de conjunto”; para ele “política e administração se confundiam com o corriqueiro expediente diário de despachar papéis ou fiscalizar a conduta dos subordinados. Numa palavra, nunca passou de um bom, e mesmo se quiserem de um ótimo burocrata” (*EPB*, p. 92).

O aviador confirma o juízo e explica o fenômeno, esclarecendo que a estrutura do sistema político-jurídico do Império acarretava certo imobilismo, ou seja, manifestava certa incapacidade de se adaptar “ao processo evolutivo do país”. Assim, “a política de D. Pedro não foi e não poderia ter sido outra coisa que o reflexo de forças que atuavam no seio da sociedade; e podemos até dizer, se tivéssemos de determinar o grau de contribuição individual do Imperador para a evolução do país, que ela interveio em proporções insignificantes, praticamente nulas” (*EPB*, p. 92).

Em vez de tentar prosseguir no caminho que vinha sendo trilhado por tantos historiadores que o antecederam, Caio Prado Jr. desviou seu olhar inquiridor da análise das personalidades expostas na fachada do sistema para as tensões sociais e as contradições estruturais que condicionavam de maneira decisiva o movimento da sociedade

como um todo. Feita essa opção, o aviador indicou para o nadador a direção a ser seguida por suas braçadas e o nadador, entrando em contato direto com uma flora e uma fauna que até então vinham sendo desprezadas, comunicou de volta ao aviador sua impressão de que tinha achado plantas e peixes dignos de um interesse especial, capazes de proporcionar novos conhecimentos realmente importantes sobre o mar.

Entre esses peixes e essas plantas, por exemplo, estavam as insurreições plebéias da época da Regência. Eram áreas conhecidas, mas não eram consideradas dignas de serem freqüentadas por nadadores respeitáveis. Caio Prado Jr. percebeu que as revoltas dos cabanos e dos balaaios, a “agitação prai-eira” e a “Guerra dos Farrapos” não eram meras balbúrdias, desordens acidentais, tumultos ordinários. Sem idealizá-las ou “embelezá-las”, ele compreendeu que, dentro de suas limitações insuperáveis, elas eram a expressão de frustrações profundas que não deveriam ser ignoradas.

Havia na sociedade escravista o que o nosso historiador caracterizou como uma “revolta constante”, que lavrava “surdamente”. Por baixo da aparência de um “conformismo total”, germinavam rancores, esboçavam-se protestos e ocultavam-se resistências. Faltava coesão aos agentes de movimentos rebeldes, que afinal acabavam sendo reprimidos e destroçados. A própria memória desses levantes era estigmatizada: eles só eram lembrados pela sua truculência. Caio Prado Jr., porém, teve o mérito de perceber que, de algum modo, eles prenunciavam as exigências de novos sujeitos que viriam mais tarde a reivindicar espaço entre os agentes capazes de fazer história no nosso país. Esse mérito, sem dúvida, se deveu à eficiente colaboração entre o nadador e o aviador.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *Evolução Política do Brasil e Outros Estudos*. São Paulo, Brasiliense, 1963.
- . *Formação do Brasil Contemporâneo – Colônia*. São Paulo, Brasiliense, 1963.